

Uma janela partida.
Uma pegada de sangue.
A caça ao homem vai começar...

KARIN SLAUGHTER

30 milhões de livros vendidos

fraturado



«Tensão
de cortar o fôlego.»

«Ficção magistral.»

«De fazer disparar
o coração.»

«Thriller superior.»

Tradução de Pedro Garcia Rosado



TOPSELLER

PRÓLOGO

Abigail Campano ficou sentada no carro, estacionado na rua à porta da sua própria casa. Observava a mansão, remodelada há quase dez anos. A casa era enorme — com espaço a mais para três pessoas, em especial quando uma delas iria para a universidade dentro de menos de um ano, se Deus quisesse. O que faria Abigail quando a filha começasse a preparar-se para iniciar uma nova vida sozinha? Seriam apenas os dois, Abigail e Paul, como eram antes de Emma ter nascido.

O pensamento fez o estômago dela contrair-se.

A voz de Paul chegou-lhe pelas colunas do carro, quando este voltou a pegar no telefone. «Ouve, querida...», começou ele, mas a mente de Abigail já ia longe enquanto os olhos percorriam a fachada da casa. Quando é que a sua vida se tornara tão diminuta? Quando é que as questões mais importantes de cada dia se haviam transformado em preocupações sobre outras pessoas e outras coisas? O alfaiate já teria terminado as camisas de Paul? Emma teria treino de vôlei nessa noite? O decorador já teria encomendado a secretária para o escritório? Alguém se teria lembrado de deixar sair o cão ou teria ela de passar os vinte minutos seguintes a apanhar dez litros de mijo do chão da cozinha?

Abigail engoliu em seco, sentindo a garganta a apertar-se.

— Não me parece que estejas a ouvir-me — disse Paul.

— Mas estou. — Abigail desligou o motor. Ouviu um clique por entre os movimentos mágicos da tecnologia e a voz de Paul transferiu-se das colunas para o telemóvel. Abigail abriu a porta do carro e atirou as chaves para dentro da mala. Segurou o telemóvel entre

o ombro e o ouvido e abriu a caixa do correio. A conta da eletricidade, do *American Express*, as propinas do colégio de Emma...

Paul fez uma pausa e Abigail interpretou-a como tendo chegado a sua vez de falar.

— Se ela não significa nada para ti, porque é que lhe deste um carro? Porque é que a levaste a um local onde sabes que as minhas amigas podem aparecer? — Abigail ia falando enquanto subia o caminho de acesso à casa sem no entanto sentir no mais íntimo de si qualquer mágoa, como acontecera nas primeiras vezes. Nessa altura, a única pergunta dela fora: «Porque é que eu já não chego?»

Mas agora a única pergunta que se sentia capaz de fazer era outra. «Porque é que tu és um filho da puta tão sôfrego de sexo?»

— Só precisava de descontrair um pouco — disse Paul. Era mais um velho lugar-comum.

Abigail meteu a mão na mala para tirar as chaves de casa enquanto subia os degraus para o alpendre. Deixara de ir ao clube por causa dele, começara a faltar à massagem e ao almoço semanais com as amigas porque se sentia arrasada por saber que elas tinham visto Paulo com uma loura de vinte e poucos anos, que ele até tivera o desplante de levar ao restaurante preferido dos dois. Abigail nem tinha a certeza de conseguir voltar a ir lá.

— Eu também gostava de descontrair um pouco, Paul. O que achas de eu o fazer? Gostavas de vir a saber um dia, em conversa com os teus amigos, que se passava qualquer coisa e seres obrigado, praticamente, a pedir-lhes para te dizerem o que se passava para depois os ouvires dizer que me tinham visto, a *mim*, com outro homem?!

— Eu trataria de descobrir a porra do nome dele, ia a casa dele e matava-o.

Porque é que ela, em parte, ainda se sentia lisonjeada por o ouvir dizer coisas dessas? Como mãe de uma rapariga adolescente, estava preparada para encontrar pontos positivos nos comentários mais selvagens, mas isto que agora ouvia era ridículo. Além disso, os olhos de Paul estavam em tão mau estado que ele mal conseguia levar o lixo até ao contentor da esquina. O que mais a devia chocar em tudo isto era o facto de ele ainda conseguir arranjar uma rapariga de vinte anos que o deixasse comê-la.

Abigail enfiou a chave na velha fechadura de ferro da porta da frente. E as dobradiças rangeram, como num filme de terror.

Alguém abriu a porta.

— Espera um momento — disse Abigail, como se quisesse interrompê-lo, apesar de nem estar a ouvir Paul a falar nesse momento. — A porta da frente está aberta.

— O quê?

Ele também não a estivera a ouvir.

— Eu disse que a porta da frente já está aberta — repetiu Abigail, empurrando a porta.

— Oh, bolas. As aulas só começaram há três semanas e ela já anda a baldar-se?

— Talvez as empregadas... — Abigail parou, ao pisar vidros partidos. Olhou para baixo, sentindo um medo frio e penetrante a nascer-lhe no fundo da espinha. — Há vidros partidos pelo chão todo. Já os pisei.

Paul disse qualquer coisa que ela não ouviu.

— Está bem — respondeu Abigail, automaticamente. Voltou-se. Uma das janelas laterais da porta da frente estava partida. A mente mostrou-lhe de repente a imagem de uma mão a entrar pela janela, a destravar a fechadura, a abrir a porta.

Abigail abanou a cabeça. Em plena luz do dia?! E neste bairro? Eles não conseguiam receber em casa mais do que três pessoas de uma vez sem terem a maluca da velha do outro lado a rua a bater-lhes à porta por causa do barulho.

— Abby?

Abigail sentiu-se metida numa espécie de bolha, que lhe abafava os sons em redor. Disse ao marido:

— Acho que alguém forçou a entrada.

Paul berrou-lhe:

— Sai de casa! Ainda podem andar por aí!

Abigail largou o correio em cima da mesa de entrada, observando o seu reflexo no espelho. Estivera a jogar ténis durante duas horas. O cabelo ainda continuava húmido, com fios despenteados a colarem-se-lhe na nuca, onde o rabo de cavalo já se soltava. O ambiente dentro de casa era frio mas ela já se sentia a suar.

— Abby! — gritou-lhe Paul. — Sai já daí. Vou ligar para a Polícia pela outra linha.

Abigail voltou-se, de boca aberta, para dizer alguma coisa — o que seria? — quando viu a pegada sangrenta no chão.

— Emma — murmurou, largando o telefone e largando a correr pelas escadas acima em direção ao quarto da filha.

Só parou no topo das escadas, chocada pela visão dos móveis partidos e pelos vidros estilhaçados no chão. Viu, como no fim de um túnel, o corpo de Emma transformado num monte de trapos ensanguentados ao fundo do corredor. Por cima dela encontrava-se um homem de pé, de faca empunhada.

Por segundos, Abigail ficou demasiado estupefacta para se poder mexer, incapaz de respirar e com a garganta apertada. O homem avançou na sua direção. Os olhos de Abigail não conseguiam focar-se em nada. Saltavam para um lado e para o outro, entre a faca presa na mão sangrenta dele e o corpo caído da filha.

— Não...

O homem atirou-se a ela. Sem pensar, Abigail recuou. Tropeçou e caiu pelas escadas, a coxa e o ombro a baterem na madeira rija enquanto deslizava de cabeça para baixo a caminho do chão. Do corpo ergueu-se um coro de dores: o cotovelo a embater nos varões do corrimão, o osso do tarso a chocar com a parede, uma sensação cortante de queimadura no pescoço enquanto tentava evitar que a cabeça chocasse contra o rebordo afiado dos degraus. Aterrou no átrio, perdendo o fôlego.

O cão. Que era feito do estúpido do cão?

Abigail rolou sobre si própria e ficou de costas, a limpar o sangue dos olhos, sentindo os vidros partidos a enterrarem-se-lhe no couro cabeludo.

O homem já descia as escadas a correr, ainda de faca em punho. Abigail nem pensou. Levantou uma perna quando ele saltou do último degrau, enfiando a ponta do tênis a meio caminho entre o ânus e o escroto do agressor. Não acertou onde queria mas não interessava. O homem cambaleou, praguejando enquanto caía, apoiado num joelho.

Abigail rebolou e tentou rastejar para a porta. O homem agarrou-a por uma perna, puxando-a com tamanha força que Abigail sentiu uma dor tão penetrante que parecia causada por um ferro em brasa, e que lhe subiu da espinha para o ombro. Tentou agarrar um bocado de vidro dos que estavam no chão para poder ferir o agressor mas

os estilhaços, minúsculos, só lhe rasgaram a pele da mão. Começou a espernear e a tentar dar-lhe pontapés, agitando freneticamente as pernas enquanto continuava a rastejar para a porta.

— Pare com isso! — berrou o homem, agarrando-lhe os tornozelos com as duas mãos. — Porra, eu disse para parar!

E Abigail parou, tentando recuperar o fôlego e pensar. Ainda sentia zumbidos na cabeça e não conseguia concentrar-se. A pouco mais de meio metro dela via a porta da frente, ainda aberta, mostrando a suave curvatura do caminho de acesso à casa que ia até ao seu carro estacionado na rua. Voltou-se, encarando o seu atacante. Ficara de joelhos, segurando-lhe os tornozelos para ela não espernear mais. Tinha a faca pousada no chão, ao lado dele. Os olhos eram de um negro sinistro — dois pedaços de granito por baixo de sobranceiras pesadas. O peito, largo, oscilava para cima e para baixo ao ritmo da sua respiração ofegante. A camisa ficara empapada em sangue.

O sangue de Emma.

Abigail retesou os músculos do estômago e saltou ao encontro dele, de dedos bem estendidos enquanto as unhas se lhe espetavam nos olhos.

O homem bateu-lhe na orelha com a palma da mão aberta mas Abigail aguentou-se, enfiando ainda mais os polegares nas órbitas, sentindo a superfície dos olhos a ceder. As mãos dele seguraram-na pelos pulsos, tentando forçá-la a tirar-lhe os dedos dos olhos. O homem era vinte vezes mais forte do que ela mas Abigail já só pensava em Emma, de quando a vira lá em cima nessa fração de segundo, da forma do seu corpo no chão, a camisola puxada para cima por sobre os seios pequenos dela. Mal a conseguira reconhecer porque a cabeça era uma massa avermelhada e sangrenta. Ele tirara-lhe tudo, incluindo o rosto bonito da filha.

— Filho da puta! — berrou Abigail, receando que os braços dela se partissem devido à força que o atacante usava para lhe arrancar as mãos dos olhos. Abigail mordeu-lhe os dedos até lhe sentir os ossos entre os dentes. O homem gritou mas aguentou-se. Desta vez, quando Abigail levantou o joelho, já lhe acertou em cheio entre as pernas. Os olhos ensanguentados do homem abriram-se muito e depois a boca também, deixando sair uma nuvem de hálito apodrecido. Os dedos dele afrouxaram mas não a libertaram. Ao cair para trás arrastou Abigail consigo.

Automaticamente, as mãos dela rodearam-lhe o pescoço largo. Abigail sentiu-lhe a cartilagem a mexer-se na garganta, os anéis que rodeavam o esófago a cederem como plástico mole. O homem apertou-lhe ainda mais os pulsos mas os cotovelos de Abigail mantiveram-se firmes e os ombros continuaram em linha com a mão quando começou a pôr todo o seu peso no pescoço dele. Sentiu relâmpagos de dor pelos braços, que tremiam, e depois pelos ombros. As mãos ainda fizeram força e ela sentiu milhares de agulhas minúsculas a furarem-lhe os nervos. Depois percorreram-na as vibrações que começaram nas palmas das mãos quando ele tentou falar. A visão transformou-se-lhe novamente num túnel. Viu explosões de luz vermelha nos olhos dele, os lábios húmidos a abrirem-se, a língua a sair-lhe da boca. Ficou sentada em cima dele, de pernas abertas, consciente da pressão das ancas do homem nas coxas dela enquanto ele tentava erguer-se para a afastar de cima de si.

De repente pensou em Paul e na noite em que Emma fora concebida — e como ela soubera, muito simplesmente, que estavam a fazer um filho. Agarrara-se ao marido, nesta mesma posição, para ter a certeza de que recolhia todas as gotas dele para poderem fazer o bebé perfeito.

E Emma *era* perfeita... Um sorriso doce, um rosto sincero. O modo como confiava em toda a gente, independentemente dos avisos de Paul.

Emma no chão, no andar de cima. Morta. Numa poça de sangue. Com as cuecas puxadas para baixo. Pobre filhinha. O que teria sofrido? Que humilhação lhe teria sido imposta por este homem?

Abigail sentiu de súbito uma torrente húmida entre as pernas. O homem urinara-se, nele e nela. Olhou para Abigail — viu-a, finalmente — e os olhos tornaram-se baços. Deixou cair os braços, um para cada lado, as mãos a baterem nos vidros partidos que cobriam a tijoleira do chão. O corpo ficou frouxo, a boca ficou aberta.

Abigail apoiou-se nos seus próprios calcanhares, a olhar para o morto que tinha pela frente.

Matara-o.

O PRIMEIRO DIA

UM

Will Trent olhou pela janela do carro enquanto ia ouvindo a sua chefe a gritar para o telemóvel. Não se podia verdadeiramente dizer que Amanda Wagner levantava a voz, mas a tonalidade cortante do seu tom já levava mais de um dos seus agentes a desfazer-se em lágrimas e a largar uma investigação em curso — uma proeza, visto a maioria dos seus subordinados no Bureau de Investigação da Geórgia¹ serem homens.

— Estamos... — Amanda esticou o pescoço, olhando de novo para a placa toponímica — ... no Prado e na Rua 17. — Fez uma pausa. — E se procurasse essa informação no seu computador? — Abanou a cabeça, revelando que não lhe agradava o que lhe diziam.

Will fez uma tentativa:

— E se continuássemos e déssemos mais umas voltas? Poderíamos encontrar...

Amanda cobriu os olhos com a mão. E depois sussurrou ao telefone:

— E vai demorar quanto tempo até terem outra vez o servidor a funcionar?! — A resposta fê-la soltar um suspiro pesado e bem audível.

Will apontou para o ecrã que dominava o centro do tablier na sua moldura de madeira. O *Lexus* tinha mais avisos sonoros e campanhas do que o chapéu de um palhaço.

— Não tem GPS? — perguntou a Amanda.

¹ O Bureau de Investigação da Geórgia, ou Georgia Bureau of Investigation (GBI), é o órgão de investigação criminal do estado norte-americano da Geórgia. [N. do E.]

Amanda baixou a mão, pensou na pergunta dele e depois começou a rodar alguns botões no tablier. O ecrã não mudou de aparência mas o ar condicionado aumentou de intensidade. Will sufocou uma risada e Amanda silenciou-o com um olhar ameaçador, propondo-lhe:

— Pode ser que enquanto esperamos que a Caroline nos arranje um mapa você possa tirar o livro de instruções do porta-luvas e ler-me o que lá diz.

Will tentou abrir o compartimento mas encontrou-o fechado. Em grande medida, isto ilustrava o seu relacionamento com Amanda Wagner. Ela mandava-o muitas vezes ao encontro de portas trancadas e esperava que ele pudesse descobrir um caminho que as contornasse. Will gostava de um bom enigma, como qualquer pessoa, mas, por uma vez, teria sido simpático que Amanda lhe entregasse a chave.

Ou talvez não. Will nunca fora grande coisa quando se tratava de pedir ajuda — especialmente a alguém como Amanda, que parecia ter uma lista mental de quem lhe devia favores, mantendo-a sempre atualizada.

Will voltou a olhar pela janela enquanto Amanda repreendia a secretária por não ter sempre consigo um mapa das ruas. Will nascera e crescera em Atlanta mas não ia muito a Ansley Park. Sabia que era uma das zonas mais antigas e mais abastadas da cidade onde, cem anos antes, advogados, médicos e banqueiros haviam construído mansões invejáveis para futuros advogados, médicos e banqueiros poderem viver como eles viviam — entrincheirados no meio de uma das mais violentas metrópoles do lado da cá da Linha Mason-Dixon². A única coisa que mudara ao longo dos anos era o facto de as mulheres negras que passeavam carrinhos de bebés brancos serem agora mais bem pagas.

Com os seus desvios e rotundas enganadoras, a zona de Ansley parecia ter sido projetada para confundir quaisquer visitantes, quando não mesmo para simplesmente os desencorajar. As ruas eram quase todas avenidas largas ladeadas por árvores, com as casas situadas no alto de colinas de onde os seus habitantes podiam ver melhor o mundo. Havia por todo o lado parques cheios de árvores

² Linha fronteira que delimita os estados americanos da Pensilvânia, Virgínia Ocidental, Delaware e Maryland e que ganhou, em 1820, um estatuto simbólico de divisão entre o norte e o sul dos EUA nas suas perspetivas sobre a escravatura. [N. do T.]

com caminhos estreitos e baloiços. Alguns dos trilhos ainda mantinham as pedras arredondadas com que haviam sido pavimentados. Embora todas as casas fossem arquitetonicamente distintas, havia uma certa uniformidade no aspeto rústico das pinturas exteriores e nos relvados bem tratados por profissionais. Will pensou que isso talvez se devesse ao facto de mesmo uma casa a precisar de ser recuperada não se vender por menos de um milhão de dólares. Ao contrário do bairro Poncey-Highland, onde Will vivia, a menos de dez quilómetros de Ansley, não havia nesta zona casas pintadas com as cores do arco-íris ou clínicas de metadona.

Will avistou na rua uma mulher que interrompeu a sua corrida para fazer alongamentos e para observar, subrepticamente, o *Lexus* de Amanda. Segundo as notícias da manhã, havia um alerta vermelho por poluição do ar, com recomendações para que as pessoas não andassem no exterior a não ser que precisassem mesmo de o fazer. Mas ninguém parecia levar o aviso a sério, apesar de a temperatura ter já passado os trinta e oito graus centígrados. Will já vira, pelo menos, cinco mulheres a correrem desde que entrara em Ansley Park, todas elas correspondendo ao estereótipo animado das mães que passavam parte do seu tempo a transportar os filhos, com corpos tonificados pela prática de pilates e rabos de cavalo saltitantes.

O *Lexus* ficara parado no sopé do que parecia ser uma colina muito frequentada, no fim de uma rua ladeada por carvalhos que cobriam os passeios com sombras. Todas as mulheres que andavam a correr tinham parado para olhar para o carro. Este não era o tipo de bairro onde um homem e uma mulher ficassem sentados durante muito tempo dentro de um veículo estacionado sem que alguém chamasse a polícia. Mas é claro que este também não era o tipo de bairro onde raparigas adolescentes eram brutalmente violadas e assassinadas nas suas próprias casas.

Will olhou de novo para Amanda, que mantinha o telemóvel junto ao ouvido, segurando-o com tanta força que parecia prestes a parti-lo em dois. Amanda era uma mulher atraente para quem nunca a tivesse ouvido falar, ou tivesse de trabalhar com ela ou de ficar a seu lado dentro de um carro durante algum tempo. Devia ter pouco mais de sessenta anos. Quando Will começara a trabalhar no GBI, mais de dez anos antes, o cabelo de Amanda não era tão grisalho mas isso mudara drasticamente. Will não sabia se a mudança

se devia a alguma coisa que acontecera na sua vida pessoal ou à sua incapacidade de arranjar uma marcação no cabeleireiro mas o certo é que a idade já começava a mostrar-se.

Amanda mexeu nos botões da consola, tentando, obviamente, pôr o GPS a trabalhar. O rádio ligou-se e ela apressou-se a desligá-lo mas não antes de Will poder captar as notas de abertura de uma banda de *swing*. Amanda murmurou qualquer coisa e premiu outro botão, o que fez baixar o vidro da janela de Will, que sentiu de imediato uma explosão de ar quente, como se alguém tivesse aberto a porta de um forno. No retrovisor lateral viu outra pessoa em traje desportivo a correr e as folhas dos abrunheiros agitadas pela brisa.

Amanda desistiu da eletrónica, desabafando:

— Isto é ridículo. Somos a principal força de investigação do estado da Geórgia e nem sequer conseguimos encontrar a merda da cena do crime.

Will voltou-se, a olhar para o alto da colina, sentindo a pressão do cinto de segurança contra o ombro.

— O que é que está a fazer? — perguntou-lhe Amanda.

— É por ali — respondeu Will, apontando para trás deles. Os ramos das árvores entrelaçavam-se por cima do carro, mergulhando a rua numa penumbra que parecia feita de poeira. Não corria uma aragem e a única coisa que se sentia era o calor, que não dava tréguas. O que Will vira não eram as folhas das árvores em movimento mas as luzes de um carro-patrolha que luziam por entre as sombras.

Amanda suspirou mais uma vez pesadamente, metendo a primeira e fazendo uma curva apertada para logo a seguir, e sem aviso, travar a fundo, esticando o braço mesmo à frente do rosto de Will como se quisesse impedi-lo de bater no para-brisas. Uma carrinha branca buzinou com força ao passar por eles e o motorista abanou-lhes o punho enquanto gritava obscenidades.

— É o *Canal 5* — disse Will, reconhecendo o logótipo da estação de televisão local na carroçaria da carrinha.

— Estão quase tão atrasados como nós — comentou Amanda, seguindo-a pela encosta acima. Voltou à direita, parando junto de um carro-patrolha que bloqueava, solitariamente, a rua seguinte à esquerda. Um pequeno número de jornalistas já se encontrava na cena do crime, representando todas as estações locais, além da *CNN*, cuja sede mundial ficava a poucos quilómetros. Uma mulher que

estrangulou o homem que lhe matara a filha seria notícia em qualquer parte do mundo, mas o facto de a filha ser branca, de os pais serem ricos e de a família ser uma das mais influentes da cidade dava ao caso um toque de loucura quase escandalosa. Algures em Nova Iorque já alguma executiva da Lifetime Movies devia estar nesse instante a babar-se para o seu *Blackberry* e a sonhar com mais um telefilme, baseado num caso real e concebido para o público feminino.

Amanda ergueu o crachá e brandiu-o para o agente do carro-patrolha enquanto furava o bloqueio policial. Mais à frente havia outros carros-patrolha, acompanhados por algumas ambulâncias, com portas abertas e macas vazias. Os paramédicos andavam por perto, a fumar. O *BMW X5* verde-tropa parado em frente da casa parecia estar a mais no meio dos veículos de emergência, mas o gigantesco SUV fez com que Will se interrogasse por onde andaria o carro do médico-legista. Não ficaria surpreendido se ele também se tivesse perdido porque Ansley não era um bairro que fosse bem conhecido por quem ganhava um salário de funcionário público.

Amanda fez marcha-atrás para parar o carro paralelamente a dois dos carros-patrolha. O sensor de estacionamento começou a apitar ao ritmo do pé de Amanda no acelerador.

— Não perca muito tempo lá dentro, Will. Nós não vamos trabalhar neste caso se não ficarmos com ele.

Will já tinha ouvido, pelo menos, duas outras versões desta frase desde que haviam saído da sede no edifício da câmara municipal. O avô da rapariga morta, Hoyt Bentley, era um construtor multimilionário que conseguira ganhar uma boa porção de inimigos ao longo dos anos. Dependendo da pessoa com quem se falava, Bentley era um filho dileto da cidade ou um malandrim do antigamente, um criminoso endinheirado que conseguia o que queria sem sair dos bastidores nem sujar as mãos. Fosse qual fosse a verdadeira história da vida dele, Bentley tivera bolsos suficientemente fundos para conseguir comprar a sua quota-parte de amigos na política. E fora-lhe suficiente fazer um telefonema para o governador do estado, que entrara em contato com o diretor do GBI que, por seu turno, destacara Amanda para analisar o crime.

Se a morte da rapariga tivesse alguma coisa que sugerisse tratar-se de um assassinio encomendado ou algo mais do que um simples

assalto que dera para o torto, bastaria a Amanda um telefonema para arrancar o caso das mãos da Polícia de Atlanta. Se fosse apenas uma tragédia aleatória e banal, o mais provável seria deixar as explicações a cargo de Will, e voltar para a câmara no seu carro de luxo.

Amanda meteu a primeira e avançou. O tempo entre os sinais sonoros ficou de repente muito mais curto quando se aproximou do carro-patrolha da frente.

— Se o Bentley enfureceu tanto alguém a ponto de lhe matarem a neta, este caso ganha uma nova dimensão — acrescentou Amanda, como se a perspectiva a encantasse. Will compreendia-lhe a excitação — desvendar este caso seria mais uma pena no chapéu dela — mas ele esperava nunca chegar ao ponto de ver a morte de uma adolescente como um degrau para subir na sua carreira. Além disso, nem tinha a certeza do que poderia vir a pensar do morto. Era um assassino mas também uma vítima. Considerando a tendência favorável da Geórgia para a pena de morte, teria assim tanta importância que ele tivesse sido estrangulado aqui em Ansley Park em vez de ficar imobilizado na Penitenciária Estadual de Coastal para aí lhe ser dada uma injeção mortífera?

Will abriu a porta antes de Amanda travar o carro. O ar quente assaltou-o com a força de um murro no estômago e os pulmões ressentiram-se da pressão. Depois foi a humidade que caiu sobre ele, e Will perguntou a si próprio se seria assim que se sentiria alguém com tuberculose. Apesar de tudo, vestiu o casaco, ocultando o coldre almofadado preso à parte de trás do cinto. Já não era a primeira vez que Will punha em causa a sensatez de usar um fato com colete em pleno mês de agosto.

Amanda juntou-se-lhe sem parecer incomodada pelo calor. Um grupo de polícias fardados, amontoados no caminho de acesso à casa, observou-os enquanto atravessavam a rua. As suas expressões mostraram que sabiam quem eram os recém-chegados e Amanda avisou Will:

— Não preciso de lhe dizer que não vai ser nada bem recebido pelo Departamento de Polícia de Atlanta nesta altura.

— Pois não — concordou Will. Um dos polícias do grupo cuspiu ostensivamente para o chão, enquanto os dois passavam por eles. Outro dos polícias optou, mais subtilmente, por erguer o dedo do meio. Will afivelou um sorriso e ergueu o polegar aos polícias para lhes mostrar que não havia ressentimentos.

Desde o seu primeiro dia em funções que a presidente da câmara de Atlanta jurara extirpar toda a corrupção que alastrara durante o mandato do seu antecessor. Mais recentemente, trabalhara em conjunto com o GBI para abrir processos contra os infratores mais óbvios, e Amanda oferecera Will como voluntário para entrar no covil da fera. Seis meses antes Will dera a investigação por concluída, levando à expulsão de seis detetives da Polícia de Atlanta e à reforma antecipada de uma das suas mais graduadas agentes. Os processos estavam bem fundamentados — os polícias andavam a fazer dinheiro com parte da droga que apreendiam — mas ninguém gostava de ver um desconhecido a limpar a sua própria casa e, mais do que isso, os contactos desenvolvidos por Will durante a sua investigação não lhe haviam granjeado amizades.

Amanda ganhara uma promoção mas Will transformara-se num pária.

Will ignorou o «cabrão» que ouviu depois passar por eles, tentando concentrar-se na cena do crime enquanto subiam em direção à casa. No jardim havia toda a espécie de flores exóticas de cujos nomes Will não conseguiu lembrar-se. A casa era gigantesca, com colunas imponentes a ampararem uma varanda no segundo andar e um conjunto sinuoso de degraus de granito a conduzirem à porta da frente. Se não fosse o grupo de polícias de aspeto taciturno a estragar a cena, o cenário seria impressionante.

— Trent — chamou alguém e Will viu o detetive Leo Donnelly a descer na sua direção. Leo era baixo, pelo menos uns trinta centímetros mais baixo do que Will, que media mais de um metro e noventa. Desde que haviam trabalhado juntos pela última vez, a sua maneira de andar dava-lhe um aspeto de Colombo e fazia-o parecer um macaco frenético. — Que raio é que estás a fazer aqui?

Will apontou para as câmaras de televisão, oferecendo-lhe a mais plausível das explicações. Toda a gente sabia que o GBI era capaz de atirar um bebé para o rio Chattahoochee se isso lhe desse espaço nos telejornais da noite. E depois apresentou-lhe Amanda:

— É a minha chefe, a Dra. Wagner.

— Olá — disse Leo, com um aceno breve de cabeça e voltando-se depois novamente para Will. — Como vai a Angie?

— Estamos noivos — respondeu Will, sentindo o olhar escrutinador de Amanda a cair sobre ele com uma intensidade gélida.

Tentou evitá-lo, apontando para a porta aberta com um aceno de cabeça. — E aqui, o que é que temos?

— Uma carga de trabalhos e uma dose de ódio para ti, meu caro.

— Leo enfiou um cigarro na boca e acendeu-o. — Põe-te a pau.

— A mãe ainda está lá dentro? — perguntou Amanda.

— Primeira porta à esquerda — respondeu Leo. — A minha colega está lá dentro com ela.

— Meus senhores, desculpem. — Amanda desinteressou-se de Leo, como se ele fosse um criado. O olhar que deitou a Will também não foi muito amigável.

Leo expeliu uma coluna de fumo enquanto a via a subir as escadas.

— Fica tudo gelado, não é? Ela parece feita de gelo seco.

Will defendeu-a de imediato, como quem defende um tio inútil ou uma irmã debochada quando são atacados por alguém exterior à família:

— A Amanda é um dos melhores polícias com quem trabalhei até hoje.

Leo melhorou a sua apreciação:

— Tem um belo cu para uma avó.

Will lembrou-se do que acontecera no carro, quando o braço de Amanda lhe aparecera disparado à frente por ela pensar que iam ser apanhados pela carrinha. Tinha sido o gesto mais maternal que lhe vira.

— Mas deve dar muito trabalho na cama — sugeriu Leo.

Will tentou não estremecer enquanto afastava a imagem do pensamento, perguntando:

— Como é que tens passado?

— A próstata tem-me feito mijar como a porra de uma torneira avariada. Não fodo há dois meses e tenho esta tosse que não me larga. — Leo tossiu, como se quisesse sublinhar o que dissera e deu mais uma passa. — E tu?

Will endireitou os ombros.

— Não me posso queixar.

— Com a Angie Polaski em casa com certeza que não. — A risada sugestiva de Leo fez Will pensar no que poderia ser o som da respiração de um pedófilo asmático se fumasse três maços de tabaco por dia. Angie trabalhara nos Costumes durante quinze anos antes

de meter baixa médica na Polícia. Leo tinha a impressão de que Angie era uma prostituta porque o trabalho dela exigira-lhe que andasse vestida como uma prostituta. Ou talvez por causa dos muitos homens com quem ela fora para a cama ao longo dos anos.

— Eu digo-lhe que lhe mandas cumprimentos — disse Will.

— Por favor. — Leo olhou para Will, dando uma passa com força no cigarro. — O que é que andas a fazer por aqui, realmente?

Will tentou encolher os ombros, sabendo que Leo ficaria furioso se lhe tirassem o caso, e respondeu:

— O Bentley tem muitas ligações.

Leo ergueu uma sobrancelha com uma expressão duvidosa. Apesar do fato amarrotado e do modo como a testa parecia tão baixa como a de um homem das cavernas, já era polícia há tempo suficiente para perceber quando alguém não respondia com exatidão a uma pergunta.

— Foi o Bentley quem vos chamou?

— O GBI só pode intervir quando é chamado pela polícia local ou pelo governo do estado.

Leo riu-se com desdém, deixando sair fumo pelas narinas.

— Deixaste de fora os raptos.

— E o bingo — acrescentou Will. O GBI possuía uma equipa que investigava os salões de bingo existentes na Geórgia. Era o tipo de trabalho em que se conseguiam incomodar sempre todas as pessoas erradas. Dois anos antes Amanda exilara Will nas montanhas do norte da Geórgia, onde ele passara o tempo a prender montanhese hostis e a refletir nos perigos que decorriam da desobediência às ordens da sua chefe direta. Não duvidava de que teria pela frente uma transferência para o bingo se voltasse a irritá-la. Apontou para a casa. — O que é que aconteceu lá?

— O habitual. — Leo encolheu os ombros. Deu uma longa passa no cigarro e depois esmagou a ponta com a sola do sapato. — A mamã chega a casa depois de um jogo de ténis, encontra a porta aberta. — Leo enfiou a beata do cigarro no bolso do casaco enquanto se dirigia para a casa, com Will. — Vai ao andar de cima e vê a filha, morta e toda voltada do avesso. — Leo apontou para a escadaria que dava uma curva por cima das cabeças deles. — O assassino ainda cá está, volta-se para a mãe (que é uma brasa, já agora), há uma luta e, surpresa das surpresas, é ele que acaba morto.

Will examinou a entrada, grandiosa. Era uma porta dupla, metade aberta, metade fechada. A janela lateral partida ficava a uma boa distância do fecho da porta. Seria preciso ter um braço bastante comprido para o meter pela janela e abrir a porta.

— Há algum animal doméstico? — perguntou.

— Um *labrador* amarelo, aí com uns trezentos anos. Estava no pátio das traseiras. É surdo que nem a porra de uma porta, segundo a mãe. Deve ter dormido enquanto tudo acontecia.

— Que idade tem a rapariga?

— Dezassete anos.

O número pareceu ecoar no átrio de tijoleira, onde o cheiro de um desodorizante ambiente de lavanda e o fedor da nicotina de Leo competiam com o cheiro metálico da morte violenta. No fundo das escadas encontrava-se a fonte do mais dominante de todos os odores. O homem jazia de costas com as palmas das mãos para cima, perto da cabeça, como num sinal de rendição. Uma faca de cozinha de tamanho médio, de cabo de madeira e de lâmina serrilhada, ficara pousada a cerca de um metro da mão dele, num ninho feito de vidros partidos. As calças de ganga preta pareciam sujas na parte da frente e o pescoço apresentava marcas vermelhas de estrangulamento. Um bigode pouco desenvolvido debaixo do nariz fazia com que o lábio parecesse estar sujo. Tinha acne nas faces. Um dos ténis desatara-se e no atacador havia sangue seco. A t-shirt do assassino mostrava, incongruentemente, uma cereja a dançar, com o pé dobrado num ângulo engraçado. A camisola era vermelho-escura e era por isso difícil dizer se as partes mais escuras seriam sangue, suor, urina ou uma combinação das três coisas.

Will seguiu o olhar do morto, voltado para cima, até ao candela-bro que pairava por cima dele. O vidro tilintava ao oscilar ao sabor da brisa artificial do ar condicionado. No átrio dançavam manchas brancas de luz, a refletirem a luz do sol que entrava pelas janelas abobadadas existentes por cima das portas.

— Já o identificaram? — perguntou Will.

— Parece que a carteira está no bolso de trás das calças, mas ele também já não sai daqui. Não quero mudar o corpo de sítio até o Pete chegar. — Leo referia-se a Pete Hanson, o médico-legista municipal. — Parece bastante novo, não achas?

— Sim — concordou Will, pensando que o assassino ainda nem teria idade para comprar bebidas alcoólicas. Amanda ficara excitada com a possibilidade de um assassinio encomendado. Salvo se os inimigos de Bentley tivessem um exército especial de mercenários em idade escolar, Will duvidava de que pudesse haver alguma ligação a esse nível. — Seria algum problema doméstico?

Leo voltou a encolher os ombros, num gesto que começava a parecer-se mais com um tique.

— É o que parece, não é? O namorado passa-se, mata a rapariga, entra em pânico quando a mamã chega a casa e ataca-a. O problema é que a Campano jura que nunca o viu na vida.

— Campano?! — perguntou Will, como num eco, sentindo o estômago a contrair-se.

— Abigail Campano. É a mãe. — Leo observou-o cuidadosamente. — Conheces?

— Não. — Will olhou para o corpo, esperando que a voz não o denunciasse. — Pensei que o apelido fosse Bentley.

— Esse é o pai dela. O marido chama-se Paul Campano. É dono de um punhado de concessionários de marcas de automóveis. Conheces os anúncios, não conheces? «Na Campano nunca dizemos que não.»

— Que é feito dele?

O telemóvel de Leo começou a tocar e ele tirou-o do cinto.

— Não deve demorar — respondeu. — Estava ao telefone com ela quando tudo aconteceu. Foi ele quem ligou para o 911.

Will pigarreou para poder recuperar a voz.

— Pode ser interessante saber o que ele ouviu — disse.

— Achas que sim? — Sem deixar de o observar, Leo abriu o telemóvel, atendendo a chamada. — Donnelly.

Leo saiu e Will olhou em redor, ainda no átrio, detendo-se no corpo morto e nos vidros partidos. No átrio houvera uma luta tremenda. Via-se sangue pelo chão, dois pares diferentes de ténis que deixaram pegadas com a forma de bolachas esmagadas no chão de tijoleira de um bege quase branco. Uma mesa de aspeto frágil ficara tombada de lado e havia uma tigela de vidro estilhaçada ao lado. Viu também um telemóvel partido que parecia ter sido pisado. O correio ficara espalhado como se fosse confetti, tal como o conteúdo de uma mala de senhora, que caíra voltada para baixo.

Ao pé da parede encontrava-se um candeeiro ainda de pé, pou-sado no chão como se alguém o tivesse lá posto. A base ficara partida e o abajur torto. Will perguntou a si próprio se alguém o endireitara ou se o candeeiro, contra todas as probabilidades, caíra de pé. E também se interrogou se alguém notara a pegada ensanguentada de um pé descalço ao lado do candeeiro.

Os olhos de Will seguiram a linha curva da escadaria de madeira envernizada. Eram visíveis as pegadas feitas por dois pares de ténis que desciam pelos degraus mas não havia mais nenhuma pegada de um pé descalço. Viu manchas e sinais deixados nas paredes, onde os corpos tinham arrancado o estuque, revelando que pelo menos uma pessoa caíra pelos degraus. A descida pelas escadas abaixo devia ter sido de uma violência brutal. Abigail Campano percebera que estava a lutar pela sua própria vida. Por sua vez, o rapaz morto no fundo das escadas não era um peso pluma. Os músculos bem definidos eram visíveis debaixo da t-shirt vermelha. Deve ter sido um choque para ele ver-se dominado até ao momento em que soltou o último suspiro.

Will fez mentalmente um desenho da casa, tentando orientar-se. Um corredor comprido por debaixo das escadas conduzia às traseiras e ao que parecia ser a cozinha e à sala de estar principal. Havia duas divisões junto à porta de entrada, que provavelmente teriam servido para proporcionar salões diferenciados para os homens e para as mulheres. Uma das salas estava fechada com uma porta de correr mas a segunda, que parecia ser uma biblioteca, encontrava-se aberta. As paredes tinham painéis de madeira escura e as estantes cobriam-nas na totalidade, ladeando uma lareira grande onde já se via lenha prestes a ser acendida. O mobiliário de madeira pesada seria talvez de carvalho. Dois cadeirões de couro dominavam o espaço. Will pensou que a outra divisão pudesse ser o oposto, com as paredes pintadas de branco ou bege e com um mobiliário menos masculino.

No andar de cima, a disposição das divisões deveria ser a habitual: cinco ou seis quartos ligados por um corredor comprido em forma de T que, na origem, terminaria nas escadas destinadas aos criados, e que faziam a ligação à cozinha nas traseiras. Se as outras casas da zona constituíssem um padrão, haveria uma antiga cocheira que teria sido reconvertida e transformada em garagem com

um apartamento por cima. Medir tudo e fazer um mapa da casa para constar do processo ia dar um trabalhão. Will até se alegrou por a tarefa não lhe calhar a ele.

E também por não ter de ser ele a explicar por que motivo é que a única pegada sangrenta no átrio estava no sentido ascendente das escadas e não voltada para a porta da frente.

Leo voltou para dentro de casa, obviamente aborrecido com o telefonema.

— Como se eu não tivesse já gente que chegue a espreitar-me o cu com esta coisa da próstata — desabafou, com um gesto para a cena. — Já me resolveste isto?

— A quem é que pertence o *BMW* verde que está lá fora? — perguntou Will.

— À mãe.

— E a rapariga? Ela tinha carro?

— Um *bê-ême* preto, vê lá tu, um 325 descapotável. Mas os pais tiraram-lho quando as notas dela começaram a baixar. — Leo apontou para a casa do outro lado da rua. — Uma vizinha bisbilhoteira denunciou-a quando viu o carro à porta durante o tempo em que ela devia estar nas aulas.

— E ela viu alguma coisa hoje?

— Ainda é mais velha do que o cão e não vale a pena alimentar grandes esperanças. — Leo esboçou mais um encolher de ombros, apesar de admitir a hipótese. — Mas já temos gente a falar com ela nesta altura.

— A mãe tem a certeza de que não reconhece o assassino?

— Absoluta. Eu fi-la olhar para ele novamente quando ela se acalmou. Nunca o viu na vida dela.

Will olhou para o morto. Os pormenores iam-se revelando mas nada fazia sentido, no entanto.

— Como é que ele entrou?

— Não faço a menor ideia. Pode ter apanhado o autocarro e vindo a pé da Rua Peachtree.

A Rua Peachtree, uma das ruas mais movimentadas de Atlanta, ficava a menos de dez minutos. À superfície e por debaixo da rua passavam continuamente autocarros e carruagens de metropolitano que traziam milhares de pessoas aos prédios de escritórios e às lojas situadas ao longo dos passeios. Will já ouvira falar em criminosos

que faziam coisas mais estúpidas do que planejar um assassinio brutal em função do horário dos autocarros mas a explicação não lhe soava bem. Estavam em Atlanta. Só as pessoas desesperadamente pobres ou ecologicamente excêntricas é que andavam de transportes públicos. E o homem caído no chão não passava de um rapaz branco com bom aspeto, com o que pareciam ser calças de ganga que custariam trezentos dólares e um par de ténis *Nike* que deviam custar duzentos. Ou tinha carro ou era das redondezas.

— Temos um carro-patrolha à procura de um carro que não pertença ao bairro — disse Leo.

— Foste o primeiro detetive a entrar aqui?

Leo demorou-se a responder, para Will perceber que ele o fazia como um ato de cortesia.

— Fui o primeiro e ponto final — disse, finalmente. — O alerta do 911 chegou pelo meio-dia e meia hora. Eu estava a acabar de almoçar naquele bar de sanduíches da Rua 14. Cheguei cá talvez uns dois segundos antes do primeiro carro-patrolha. Revistámos a casa, para termos a certeza de que não havia mais ninguém cá dentro e depois eu disse a toda a gente para se porem lá fora.

A Rua 14 ficava a menos de cinco minutos de carro do local onde se encontravam. Fora uma sorte que o primeiro polícia a chegar tivesse sido um detetive apto a isolar o local.

— Foste a primeira pessoa a falar com a mãe? — perguntou.

— Ela apareceu-me completamente passada, digo-te eu. As mãos tremiam-lhe, nem conseguia falar. Ainda demorou uns dez minutos a acalmar-se para conseguir contar a história.

— Portanto, isto parece-te simples? Uma cena de violência doméstica entre dois adolescentes, a mãe chega e dá-se esta reviravolta?

— Foi isso que o Hoyt Bentley te mandou fazer?

Will ignorou a pergunta.

— Este caso é muito sensível, Leo. O Bentley joga golfe com o governador. Faz parte da administração de metade das associações de beneficência da cidade. Não ficarias mais surpreendido se eu não estivesse aqui?

Leo esboçou um novo encolher de ombros e acenou ligeiramente com a cabeça. Talvez também houvesse qualquer coisa que o intrigasse quanto à cena, porque ainda acrescentou:

— A mãe tem lesões de quando se defendeu. Podes ver os sinais da luta, com as merdas partidas e as mossa nas paredes. O miúdo morto também tem feridas, incluindo sinais de dentadas nos dedos quando a mãe tentou soltar-se das mãos dele. A rapariga lá em cima... Ele passou algum tempo com ela. Baixou-lhe as cuecas, puxou-lhe o sutiã para cima. Há sangue por todo o lado.

— Lá em cima houve luta?

— Alguma, mas não como aqui. — Leo fez uma pausa. — Queres vê-la? — convidou.

Will gostou do gesto dele mas Amanda tornara bem claro que não o queria envolvido no caso a não ser que os indícios fossem de um ataque desferido por um profissional. Se Will visse alguma coisa no andar de cima, por inócuo que fosse, acabaria depois por ter de testemunhar em tribunal.

Mas Amanda não o poderia censurar por ser curioso.

— Como é que ela foi morta?

— É difícil de dizer.

Will olhou para trás dele, para a porta da frente ainda aberta. O ar condicionado trabalhava em pleno, a tentar opor-se ao calor que ia entrando.

— Já tens fotografias de tudo?

— De lá de cima e daqui de baixo — respondeu Leo. — Vamos pôr-nos à procura de impressões digitais e das merdas do costume, assim que levarem os corpos. A propósito: nessa altura vou fechar a porta já que tu pareces demasiado empertigado para o fazer. Estou a tentar reduzir ao mínimo as visitas turísticas. — Leo calou-se, por instantes. — Num caso destes vai haver muita gente importante a querer intervir.

Will pensou que o que ele dizia era um eufemismo. Ninguém se queixara de um carro estranho na zona. A não ser que a teoria de Leo, de que o assassino usara os transportes públicos, tivesse pés para andar, o rapaz devia provavelmente viver em Ansley Park. E o mais lógico era que fosse de uma família de advogados. Leo iria ter de cumprir escrupulosamente as regras ou ficaria indefeso assim que prestasse testemunho.

Will refez a pergunta:

— Como é que ela morreu?

— Ficou num estado lastimoso... A cara parece um hambúrguer cru, com sangue por todo o lado. Até me surpreende que a mãe a tenha

reconhecido. — Leo calou-se, olhando para Will e percebendo que ele queria uma resposta mais concreta. — O que é que eu penso que aconteceu? Ele espancou-a e depois matou-a à facada.

Will voltou a olhar para o morto. As palmas das mãos encontravam-se cobertas de sangue seco e ninguém poderia pensar que isso resultasse de um espancamento ou, sequer, de uma mão que empunhasse uma faca. Os joelhos das calças pareciam escurecidos, como se ele se tivesse ajoelhado em qualquer superfície molhada. A t-shirt ficara amarrotada no estômago e havia uma nódoa negra que desaparecia pela parte da frente das calças.

— A mãe ficou ferida? — perguntou.

— Tem arranhões na parte de trás dos braços e nas mãos, como eu disse antes. E um corte fundo na palma da mão devido aos vidros partidos no chão. — Leo continuou a fazer o inventário. — Muitas nódoas negras, um lábio ferido, algum sangue no ouvido. Uma entorse no tornozelo, parece-me. Achei que o teria partido mas ela conseguiu mexê-lo. — Leo esfregou a boca, talvez desejoso de aí poder encontrar um cigarro. — Chamei uma ambulância mas ela disse que não se iria embora até o corpo da filha ser removido.

— Foi isso que ela disse? «Removido»?

Leo praguejou baixinho, tirando do bolso um bloco de apontamentos de argolas. Procurou uma página e mostrou-a a Will.

Will franziu o sobrolho, a olhar para as garatujas indecifráveis, e perguntou:

— Isso são as impressões digitais de alguma galinha?

Leo voltou para si o bloco de apontamentos e leu em voz alta:

— «Não vou deixar aqui a minha filha. Não vou sair desta casa até a Emma se ir embora.»

Will pensou no nome várias vezes até a rapariga começar a transformar-se numa pessoa, para ele, em vez de continuar a ser outra vítima anónima. A vítima fora um bebé em tempos. Os pais haviam-lhe pegado ao colo, protegendo-a, dando-lhe um nome. Para acabarem por perdê-la.

— O que diz a mãe?

Leo fechou o bloco de apontamentos.

— Os factos, simplesmente. Apostaria o meu colhão esquerdo que ela foi advogada até engravidar, e acabou por desistir de tudo pela bela vida doméstica.

— Porque é que dizes isso?

— Ela tem estado a ser mesmo muito cuidadosa com o que diz e como o diz. Muitos «achei isto» e «pareceu-me aquilo».

Will acenou afirmativamente com a cabeça. Uma afirmação de legítima defesa só poderia assentar na percepção de que a pessoa teria de estar diante de um perigo de morte iminente no momento do ataque. A mãe começara obviamente a preparar os fundamentos para isso mas Will não sabia se seria apenas por ser inteligente ou por estar a dizer a verdade. Olhou para o morto, para as mãos cheias de sangue seco e para a camisola ensopada. Havia mais alguma coisa além das aparências.

Leo pousou a mão no ombro de Will.

— Ouve, tenho de te avisar... — Mas calou-se ao ver a porta de correr deslizar a abrir-se. E ao ver Amanda, ao lado de uma mulher de aparência mais jovem. Atrás delas, Will viu outra mulher sentada num sofá que parecia engoli-la. Vestia roupa própria para jogar ténis. O que devia ser o pé magoado ficara pousado, assente numa mesa baixa. Os sapatos de ténis encontravam-se no chão, por debaixo dela.

— Agente especial Trent — disse Amanda, fechando a porta atrás de si. — Esta é a detetive Faith Mitchell. — Amanda olhou para Leo, da cabeça aos pés, como se fosse um peixe podre, e depois voltou-se para a mulher que a acompanhava. — O agente especial Trent fica à sua disposição. O GBI fica mais do que satisfeito por poder disponibilizar-vos todo o apoio. — Amanda ergueu uma sobrancelha enquanto olhava para Will, fazendo-o saber que o contrário é que era verdadeiro. E depois, talvez por pensar que ele era estúpido, prosseguiu. — Preciso de si na sede dentro de uma hora.

O facto de Will ter percebido antecipadamente que era isto que iria acontecer não o deixara mais bem preparado. O carro ficara estacionado no edifício da câmara. Donnelly iria ter de ficar na cena do crime até terminarem todos os exames e qualquer um dos polícias que se encontravam lá fora adoraria a possibilidade de ficar a sós com Will Trent nas traseiras de um dos carros-patrolha.

— Agente Trent? — Faith Mitchell parecia aborrecida, o que levou Will a pensar que talvez não tivesse percebido tudo.

— Desculpe, diga.

— Bem pode pedir desculpa — murmurou Faith, e Will não conseguiu fazer mais do que piscar os olhos, a pensar no que lhe teria escapado.

Leo não pareceu achar nada de estranho no diálogo a que assistia. Perguntou à mulher:

— A mãe disse mais alguma coisa?

— A filha tem uma melhor amiga. — Como Leo, Faith Mitchell tinha no bolso um bloco de apontamentos de argolas. Folheou-o, à procura do nome. — Kayla Alexander. A mãe diz que poderemos provavelmente encontrá-la no colégio. Na Academia de Westfield.

Will identificou o colégio caro situado nos arredores de Atlanta.

— Porque é que a Emma não estava na escola? — perguntou.

Faith respondeu a Leo, apesar de ter sido Will a fazer a pergunta:

— Já houve problemas de absentismo escolar no passado.

Will estava longe de poder ser considerado um especialista mas não conseguia imaginar uma adolescente a faltar às aulas sem levar consigo a sua melhor amiga. A não ser que fosse para se encontrar com o namorado. Olhou de novo para as escadas, desejando poder ir ao andar de cima e examinar o local.

— Porque é que a mãe não ficou em casa hoje?

— Tinha qualquer coisa no clube dela todas as semanas — respondeu Faith. — Normalmente não chega a casa antes das três.

— Portanto, se houvesse alguém a vigiar a casa, saberia que a Emma estaria cá sozinha.

— Preciso de apanhar ar — disse Faith a Leo. Saiu e ficou no alpendre com as mãos na cintura. Era jovem, talvez no começo dos trinta, de estatura média e bonita do modo como se pensa com naturalidade que o são as mulheres de cabelos louros finos. Mas havia qualquer coisa nela que a impedia de ser atraente. Talvez fosse o sorriso de desdém no rosto ou o brilho de ódio dos olhos.

Leo murmurou um pedido de desculpas:

— Desculpa, pá, só queria dizer-te...

No outro lado do átrio, a porta de correr deslizou outra vez. Abigail Campano parou à entrada, a perna ligeiramente dobrada para não forçar o tornozelo magoado. Ao contrário de Faith, havia qualquer coisa de irradiante no seu cabelo louro e na pele de um branco leitoso. Apesar de ter os olhos inchados de chorar, e de o lábio ferido ainda deitar sangue, era muito bonita.

— Sra. Campano... — começou Will.

— Pode chamar-me Abigail — interrompeu-o ela com suavidade. — É o agente do GBI?

— Sim, minha senhora. Gostaria de apresentar-lhe os meus pêssames.

Ela fitou-o com uma expressão confusa, provavelmente por ainda não ter interiorizado a morte da filha.

— Pode falar-me um pouco da sua filha?

O olhar inexpressivo desapareceu.

Will tentou mais uma vez:

— Disse ao detetive Donnelly que ela andava a faltar às aulas ultimamente?

Abigail acenou suavemente com a cabeça, antes de responder:

— Obviamente que ela conseguia... — A voz emudeceu-lhe, ao olhar para o homem morto caído no chão. — A Kayla convenceu-a a faltar às aulas no ano passado. A Emma nunca tinha feito nada parecido. Foi sempre uma boa rapariga. Tentava fazer sempre o que era mais correto.

— Havia outros problemas?

— Parece tudo tão pouco importante. — Os lábios tremeram-lhe enquanto Abigail tentava conter as emoções. — Ela começou a ser respondona, a fazer as coisas só como queria. Queria ser ela própria e nós ainda queríamos que ela fosse a nossa filhinha.

— Além da Kayla, a Emma tinha outras amigas, ou amigos? Ou namorados?

Abigail abanou a cabeça, com os braços apertados em torno da cintura.

— Ela era tão tímida. Não fazia facilmente novos amigos. Nem sei como é que isto pôde acontecer.

— A Kayla tem algum irmão?

— Não, é filha única. — A voz vacilou. — Como a Emma.

— Acha que consegue fazer uma lista dos outros rapazes e raparigas com quem ela se dava?

— Havia alguns conhecidos, mas a Emma escolhia sempre uma pessoa que... — E de novo se calou. — Mas não havia mais ninguém além da Kayla, realmente. — Havia qualquer coisa de tão definitivo no tom dela, de quem acreditava que a filha se encontrava sozinha no mundo, que Will não conseguiu deixar de sentir alguma da sua tristeza. Deu por si esperançado em que Leo estivesse a planear falar com a tal Kayla. Se ela era uma influência tão grande na vida de Emma Campano como a mãe indicara, devia então saber muito

mais sobre o que realmente acontecera dentro de casa do que qualquer outra pessoa.

— Existe alguém que possa ter algum ressentimento contra si ou contra o seu marido?

Abigail abanou a cabeça sem cessar, parecendo presa à imagem do homem morto no seu átrio de entrada.

— Aconteceu tudo tão depressa. Tenho tentado lembrar-me do que fiz... ou do que poderia ter feito...

— Eu sei que já lhe fizeram esta pergunta, mas tem a certeza de que não reconhece este homem?

Abigail fechou os olhos mas Will pensou que ela ainda estaria a ver o assassino da filha.

— Não — respondeu ela, finalmente. — É-me desconhecido. De repente ouviram um homem a gritar, na entrada da casa:

— Foda-se, saiam da minha frente!

Will ouviu o ruído de pés e de corpos, os polícias a gritarem a alguém para parar e depois Paul Campano subiu pelos degraus da entrada com a força de um ariete, como um homem em chamas. Chocou com Faith Mitchell, afastando-a do caminho, e entrou em casa. Um polícia uniformizado amparou-a quando ela cambaleou perigosamente à beira do alpendre. Qualquer um deles fez cara de poucos amigos mas Leo acenou-lhes e disse-lhes para não fazerem nada.

Paul ficou parado no átrio, de punhos fechados. Will interrogou-se se seria alguma coisa genética — ou se era o tipo de pessoa que passava a vida a fechar os punhos ou não.

— Paul — sussurrou Abigail, correndo para ele.

Mesmo agarrado à mulher, Paul manteve os punhos fechados.

Faith ainda se sentia obviamente irritada. O tom que usou foi cortante:

— Sr. Campano, sou a detetive Mitchell, do Departamento de Polícia de Atlanta. Este é o detetive Donnelly.

Mas Paul não queria saber de apresentações. Só olhava para o morto, por cima do ombro de Abigail.

— Foi este o cabrão? — perguntou, a voz transformada num rugido. — Quem é ele? Que está ele a fazer na minha casa?

Faith e Leo trocaram um olhar em que Will não teria reparado se não estivesse a observá-los devido ao seu próprio interesse. Eram

colegas e era evidente que se entendiam bem sem precisarem de falar um com o outro, e desta vez cabia a Faith tomar a iniciativa.

— Sr. Campano, vamos até ao alpendre e vamos falar disto — sugeriu a detetive.

— E quem raio é que você é? — inquiriu Paul, voltando-se para Will de olhos muito abertos, que pareciam pequenas contas, quase escondidos pelo excesso de peso no rosto.

Will não devia ter ficado surpreendido pela pergunta ou mesmo pela forma como ela lhe era feita. Na última vez em que Paul Campano lhe falara assim, Will tinha dez anos e viviam ambos no Lar da Criança de Atlanta. Muitas coisas haviam mudado desde então. Will ficara mais alto e o cabelo escurecera. A única coisa que mudara em Paul era a impressão que transmitia de pesar ainda mais e de ser pior do que já era.

Foi Leo quem respondeu:

— Sr. Campano, é o agente Trent, do GBI.

Will tentou acalmar Paul e mostrar-lhe que podia ajudá-lo.

— Sabe se a sua filha tinha inimigos, Sr. Campano?

— A Emma?! — espantou-se Paul, a olhar para Will. — Claro que não. Ela só tinha dezassete anos.

— E o senhor?

— Não — respondeu Paul, com brusquidão. — Ninguém faria... — Abanou depois a cabeça, incapaz de completar a frase. Olhou para o assassino morto. — Quem é o filho da puta? O que foi que a Emma lhe fez?

— Tudo o que nos puder dizer será para nós uma ajuda. Talvez o senhor e a sua esposa pudessem...

— Ela está lá em cima, não está? — interrompeu Paul, levantando os olhos. — A minha querida filha está lá em cima.

Ninguém lhe respondeu mas Leo deu dois passos na direção da escada para lhe bloquear o caminho.

— Quero vê-la — disse Paul.

— Não — avisou-o Abigail, com uma voz tremente. — Não a vais querer ver assim, Paul. Não queres saber como é.

— Tenho de vê-la.

— Ouça o que a sua esposa lhe diz — recomendou Faith. — Vai poder vê-la em breve. Agora tem de deixar-nos tomar conta dela.

Paul voltou-se para Leo, e berrou-lhe:

— Saia da minha frente, foda-se!

— O senhor desculpe, mas...

Foi Leo a sofrer o embate da ira de Paul, que o empurrou contra a parede quando se lançou pelas escadas acima. Will foi a correr atrás dele, quase chocando com Paul quando ele parou no cimo.

Paul ficou imóvel, de olhar fixo na forma sem vida do corpo da filha, no fundo do corredor. A rapariga estava quase a cinco metros de distância mas a presença dela preenchia todo o espaço como se estivesse mesmo junto deles. A fúria de Paul pareceu esvaír-se. Como todos os fanfarrões agressivos, não conseguia aguentar uma emoção.

— A sua mulher tem razão — disse-lhe Will. — Não vai querer vê-la assim.

Paul ficou em silêncio. A sua respiração pesada era o único ruído que se conseguia ouvir. A mão subira até ao peito, com a palma bem aberta como se estivesse a enunciar uma declaração de fidelidade. Parecia prestes a chorar.

Engoliu em seco.

— Havia uma taça de vidro em cima da mesa — disse, numa voz seca inexpressiva e sem vida. — Trouxemo-la de Paris.

— É uma cidade bonita — disse Will, pensando que nunca, num milhão de anos, imaginaria Paul em Paris.

— Está um caos, isto aqui.

— Há pessoas que podem vir limpar a casa.

Paul ficou de novo silencioso e Will seguiu-lhe o olhar, observando toda a cena. Leo tivera razão ao dizer que em baixo era pior do que no andar de cima mas que havia qualquer coisa ainda mais sinistra e perturbadora no ambiente do primeiro andar. No chão viam-se as mesmas pegadas deixadas por sapatos ensanguentados, atravessando para um lado e para o outro a passadeira branca do corredor. Havia salpicos de sangue nas paredes brancas provenientes dos gestos de uma faca ou de punho sobre o corpo, desferindo golpes sucessivos na carne. Por qualquer motivo, a parte que mais perturbava Will era a única marca vermelha deixada por uma mão na parede, mesmo por cima da cabeça da vítima, onde o atacante obviamente apoiara o seu peso enquanto a violava.

— Caixote do Lixo?! — perguntou Paul Campano. Mas não era ao lixo que se referia. Quando eram miúdos tratava Will por «Caixote do Lixo».

A lembrança fez nascer um nó na garganta de Will. Teve de engolir em seco antes de conseguir responder:

— Sim.

— Diz-me o que aconteceu à minha filha.

Will considerou a hipótese de não o fazer, mas por pouco tempo. Teve de se voltar para passar por Paul e percorrer o corredor. Entrou na cena do crime com todo o cuidado, para não perturbar nada. O corpo de Emma ficara paralelo à parede, de rosto voltado na direção oposta às escadas. Enquanto Will se aproximava, os seus olhos voltaram a fixar-se na impressão da mão na parede, observando o formato preciso da palma e dos dedos. Sentiu o estômago a contrair-se ao pensar no que o tipo fizera enquanto deixara a marca na parede.

Will parou a cerca de um metro da rapariga.

— Ela foi provavelmente morta aqui — disse a Paul, percebendo, pela poça de sangue, que o corpo não fora deslocado. Ajoelhou-se junto dele, pousando as mãos nos seus próprios joelhos para não tocar em nada sem querer. As cuecas de Emma haviam ficado enroscadas num tornozelo e os pés estavam descalços. O atacante afastara à força a roupa interior e a camisola. Na superfície branca dos seios haviam ficado as marcas dos seus dentes, com um vermelho escuro contrastante. Arranhões e nódoas negras percorriam-lhe o interior das coxas, com vergões inchados a revelarem os danos que ele lhe causara. Emma era magra, com cabelo louro como a mãe e ombros largos como o pai. Era impossível saber como teriam sido as suas feições em vida. O rosto ficara tão severamente magoado que os ossos haviam cedido, obscurecendo os olhos e o nariz. O único ponto de referência era a boca, aberta e a mostrar um buraco sangrento e sem dentes.

Will olhou para Paul. O homem ainda se mantinha imóvel no topo das escadas. As mãos grandes e carnudas estavam fechadas sobre o peito, como uma mulher nervosa e de idade à espera de más notícias. Will não sabia o que ele podia ver à distância, e se esta sua vizaria alguma da violência ou a tornaria ainda pior.

— Ela foi espancada — disse Will. — Posso ver o que me parecem ser dois ferimentos de faca. Um mesmo por debaixo do seio. O outro é acima do umbigo.

— Ela pôs um *piercing* aí o ano passado. — Paul soltou uma risada tensa. Will olhou para ele e Paul tomou-o como um incentivo para

continuar. — Ela e a melhor amiga dela foram até à Florida e voltaram com... — Abanou a cabeça. — Pensamos que isso é divertido quando somos miúdos mas quando se é pai e se vê a filha chegar a casa com um anel na barriga... — O rosto ensombrou-se enquanto Paul lutava com as suas emoções.

Will voltou a sua atenção para a rapariga. No umbigo tinha um anel de prata enfiado na pele.

— Foi violada? — perguntou Paul.

— Provavelmente. — Will disse a palavra depressa demais. O som dela ficou a pairar no ar estagnado.

— Antes ou depois? — A voz de Paul tremia. Conhecia bem as coisas sinistras que os homens são capazes de fazer.

O sangue espalhara-se pelo abdómen e pelo peito da rapariga, revelando que alguém estivera em cima dela depois da fase pior do espancamento. Apesar disso, Will disse-lhe

— Terá de ser o médico-legista a responder. Eu não sei dizer.

— Estás a mentir-me?

— Não — respondeu Will, tentando não olhar para a marca da mão, tentando deixar-se dominar pela culpa, por ser a pessoa que dizia ao homem diante de si a verdade horrível sobre a morte violenta e degradante da filha dele.

De repente sentiu Paul atrás de si.

Will endireitou-se, bloqueando-lhe a passagem.

— Isto é a cena de um crime. Tens de...

Paul abriu a boca. Vacilou e apoiou-se em Will, como se o corpo se tivesse esvaziado de ar.

— Não é... — A boca mexeu-se enquanto nos olhos se formavam lágrimas. — Não é ela.

Will tentou voltá-lo e impedir que continuasse a ver a filha.

— Vamos para baixo. Não tens de ver mais.

— Não — contrapôs Paul, enterrando os dedos no braço de Will. — Estou a falar a sério. Não é ela. — Abanou a cabeça, com veemência. — Não é a Emma.

— Eu sei que isto é difícil para ti.

— Vai-te foder, tu e aquilo que tu sabes! — Paul afastou-se dele, empurrando-o. — Já alguém te disse que a tua filha morreu?

— Paul continuou a abanar a cabeça, sem tirar os olhos da rapariga.

— Não é ela.

Will tentou argumentar:

— Tem um *piercing* no umbigo, como disseste.

Paul abanou a cabeça com mais força, as palavras a ficarem presas na garganta.

— Não é...

— Vamos — sugeriu Will, afastando-o alguns passos, tentando impedi-lo de contaminar ainda mais a cena do crime.

As palavras de Paul saíram-lhe da boca a uma velocidade vertiginosa:

— O cabelo, Caixote do Lixo! O cabelo da Emma é mais comprido do que aquilo. Vai-lhe quase até às costas. E ela tem uma marca de nascença no braço direito... a Emma. Vê bem, não há ali nada. Não há essa marca.

Will olhou para o braço. À exceção do sangue, a pele era de uma brancura perfeita.

— No braço direito — insistiu Paul, já aborrecido. Apontou para o outro braço. — Ela tem uma marca desde que nasceu. — Will não respondeu e Paul tirou a carteira do bolso, abrindo-a. Caíram-lhe para o chão recibos e outros papéis enquanto procurava qualquer coisa no interior. — É uma marca estranha, parece a marca de uma mão. E a pele é mais escura. — Encontrou o que procurava e passou uma fotografia a Will. Emma era muito mais nova na imagem. Estava equipada como chefe de claque. Um braço apoiava-se na cintura com a mão a segurar num pompom. E Paul tinha razão: a marca parecia ter sido feita por uma mão que lhe tivesse rodeado o braço.

Apesar disso, Will ainda disse:

— Paul, não vamos...

— Abby! Não é ela! Não é a Emma! — Paul já se ria, exultante. — Repara no braço, Caixote do Lixo. Não tem nada. Não é a Emma. Só pode ser a Kayla. Elas são parecidas. Andam sempre a vestir a roupa uma da outra. Só pode ser ela!

Abigail subiu as escadas a correr, com Faith no seu encalço.

— Para trás — disse Will, impedindo-lhes a passagem, estendendo os braços como um guarda de trânsito, empurrando Paul e obrigando-o a recuar. O homem ainda sorria com ar de louco. Só pensava que a filha não morrera. A mente ainda não passara à fase seguinte.

— Mantenha-os aqui — disse Will a Faith, que acenou afirmativamente com a cabeça, pondo-se diante dos pais. Cuidadosamente, Will voltou a aproximar-se da rapariga morta. Agachou-se novamente, examinando as pegadas, os salpicos de sangue na parede. Havia um arco de sangue por cima do corpo da rapariga que lhe captou a atenção. Ocultava-se debaixo dos seios dela como se fosse uma linha bem desenhada. Will não dera por ele no início mas agora sentia-se capaz de apostar toda a sua reforma em como o sangue viera do rapaz morto no andar de baixo.

— Não é ela — insistiu Paul. — Não é a Emma.

— Às vezes é difícil quando se perde alguém que se ama — começou Faith. — Negar é compreensível...

Paul explodiu:

— É capaz de me ouvir, ó estúpida de merda? Não vou fazer os doze passos do luto. Conheço bem o aspeto da porra da minha filha!

— Está tudo bem por aí? — perguntou Leo, do andar de baixo.

— Está tudo controlado — respondeu Faith, num tom de voz que indicava precisamente o contrário.

Will olhou para os pés descalços da rapariga morta. As plantas dos pés estavam limpas e talvez fossem a única parte do corpo sem qualquer tipo de padrão de sangue. Levantando-se, pediu a Abigail:

— Conte-me o que aconteceu.

Abigail não parava de abanar a cabeça, incapaz de conseguir ter esperança.

— É a Emma? É ela?

Will observou-lhe as manchas de sangue na saia do vestuário branco de ténis, os padrões de transferência de sangue no peito. E conseguiu manter a voz firme apesar de o coração lhe bater no peito com tanta força que sentia a pressão nas costelas.

— Diga-me exatamente o que aconteceu a partir do momento em que aqui chegou — pediu.

— Eu fiquei no carro...

— Quando chegou às escadas — interrompeu Will. — Subiu os degraus. Aproximou-se do corpo? Veio até aqui?

— Fiquei mesmo aqui — disse Abigail, indicando o chão diante dela.

— O que é que viu?

As lágrimas correram pelo rosto de Abigail. Os lábios moveram-se, tentando formar palavras, enquanto os olhos examinavam o corpo da morta. E finalmente respondeu:

— Vi-o parado por cima dela. Com uma faca na mão. Senti-me ameaçada.

— Sei que sentiu que a sua vida corria perigo — garantiu Will. — Diga-me só o que aconteceu a seguir.

A garganta de Abigail voltou a funcionar.

— Entrei em pânico. Recuei e caí pelas escadas.

— E o que fez ele?

— Veio atrás de mim, pelas escadas abaixo.

— Com a faca na mão?

Abigail fez que sim com a cabeça.

— E ele levantou a faca?

Abigail tornou a fazer que sim com a cabeça mas depois abanou-a.

— Não sei. Não. Trazia-a ao lado. — Apertou a mão contra o seu próprio flanco, para lhe mostrar. — Desceu as escadas a correr. Era assim que trazia a faca.

— Ele levantou a faca quando chegou ao fundo das escadas?

— Dei-lhe um pontapé antes de ele chegar ao chão. Para o desequilibrar.

— E o que foi que aconteceu à faca?

— Ele largou-a ao cair. Eu... Ele bateu-me na cabeça. Pensei que fosse matar-me.

Will voltou-se, olhando de novo para as pegadas. Eram dispersas, refletindo movimentos caóticos. Havia sido duas as pessoas a pisar o sangue, a andar para trás e para a frente, a lutarem. — Tem a certeza de que não subiu até aqui e de que não percorreu o corredor?

Abigail acenou afirmativamente com a cabeça.

— Escute-me com muita atenção. Não veio mesmo até aqui? Não se aproximou da sua filha? Não pisou o sangue?

— Não. Fiquei onde estou. Mesmo aqui. Parei no cimo das escadas e ele avançou na minha direção. Pensei que fosse matar-me. Pensei... — Abigail levou a mão à boca, incapaz de continuar. A voz cedeu-lhe ao voltar-se para o marido. — Não é a Emma? — perguntou.

Will disse a Faith:

— Mantenha-os aqui. — E depois desceu as escadas.

Leo conversava com um dos policiais de uniforme, à entrada.

— O que se passa? — perguntou a Will.

— Não esperes pelo Pete — ordenou Will, passando por cima do corpo do homem. — Preciso de identificar este homem o mais depressa possível. — Foi buscar os sapatos de Abigail Campano, que continuavam sob a mesa baixa. A sola era feita de ziguezagues próprios para campos de ténis e não formavam um padrão parecido com uma bolacha. Apesar de algumas esfoladelas nas pontas não havia neles nenhum sinal de sangue.

No átrio, Leo tirara um par de luvas de látex de um bolso.

— A vizinha bisbilhoteira do outro lado da rua diz que viu um carro parado em frente da casa há algumas horas. Talvez fosse amarelo, ou mesmo branco. Podia ter quatro portas, ou só duas.

Will examinou os ténis do morto. As biqueiras eram em forma de bolacha, com sangue seco na sola.

— Dá-mas cá — disse a Leo, que lhe deu as luvas para Will calçar. — Já tens as fotografias, não tens?

— Sim. O que se passa?

Meticulosamente, Will levantou a camisola do morto. O tecido ainda continuava molhado, onde ficara amarrotado na cintura, deixando uma tonalidade encarniçada e estranha na pele nua.

— Queres dizer-me o que estás a fazer? — insistiu Leo.

Havia tanto sangue que era difícil ver alguma coisa. Will pressionou ligeiramente o abdómen, revelando um corte estreito na carne, que se abriu e deixou sair um líquido negro.

— Merda — disse Leo. — A mãe esfaqueou-o?

— Não. — Will percebeu o que devia ter acontecido. O jovem ajoelhado junto do corpo, no andar de cima, a faca enfiada no peito dele. Ele teria arrancado a faca, deixando o sangue arterial esguichar para o corpo da rapariga morta. Depois ainda tentara manter-se em pé, já a cambalear, mesmo quando o pulmão já dava de si. Nessa altura Abigail Campano apareceu no topo das escadas. Ela viu nele o homem que lhe matara a filha. E ele vira nela a mulher que os podia salvar a todos.

Leo olhou para as escadas e depois para o rapaz morto e finalmente percebeu.

— Merda — repetiu.

Will arrancou as luvas, tentando não pensar no tempo que haviam perdido. Aproximou-se da pegada feita por um pé descalço

ensanguentado e viu que o peso estivera concentrado na parte da frente do pé. Havia algumas gotas de sangue no último degrau — seis gotas.

Will começou, falando em voz alta, tanto para benefício de Leo como seu:

— A Emma ficou inconsciente. O assassino levou-a ao ombro. — Will semicerrou os olhos, juntando as várias peças dispersas. — Ele parou aqui, ao fundo das escadas, para recuperar o fôlego. A cabeça e as mãos dela estavam penduradas sobre as costas dele. As gotas de sangue no último degrau são quase perfeitamente redondas, o que significa que caíram direitas. — Will indicou a pegada. — Ele mudou-a para o outro ombro. O pé dela tocou no chão. Foi por isso que a pegada ficou voltada para as escadas em vez de ficar voltada para a porta. Depois de descer as escadas com ela, teve de reajustar o corpo para a poder levar lá para fora.

Leo tentou desculpar-se:

— O que a mãe contou fazia sentido. Eu nunca poderia...

— Não interessa. — Will levantou a cabeça. Abigail e Paul Campano observavam-no do cimo das escadas, por cima do corrimão, como se não acreditassem. — A Kayla tem carro?

Abigail respondeu com hesitação:

— Anda com um *Prius* branco.

Will pegou no telemóvel e carregou numa das teclas. E disse a Leo:

— Tenta confirmar o que diz a senhora idosa sobre o carro... Mostra-lhe um conjunto de fotografias, se for necessário. Verifica todas as chamadas que saíram desta área para o 911 durante as últimas cinco horas. Põe os teus homens a examinarem de novo as redondezas. Havia muita gente a correr que agora já deve ter regressado a casa. Eu vou notificar a brigada de trânsito porque há uma rampa de acesso à autoestrada a pouco mais de quilómetro e meio daqui. — Will levou o telefone ao ouvido assim que Amanda atendeu. E não perdeu tempo com cortesias. — Preciso de uma equipa. Parece que temos um rapto entre mãos.

Abigail Campano chega a casa e entra num cenário de pesadelo. Uma janela partida, uma pegada de sangue na escada e, a visão mais devastadora de todas, a sua filha adolescente morta no chão. Sobre ela está um homem com uma faca ensanguentada na mão. A luta que se segue vai mudar a vida de Abigail para sempre.

Quando a polícia local comete um erro que não só ameaça a investigação mas também coloca em perigo a vida de uma jovem, o caso é entregue ao agente especial Will Trent do Georgia Bureau of Investigation. Will terá como parceira a detetive Faith Mitchell, do Departamento de Polícia de Atlanta, que logo no primeiro encontro lhe mostra que não é a sua maior fã.

Sob o calor implacável do verão de Atlanta, Will e Faith percebem que só trabalhando juntos conseguirão travar o homicida brutal que tem como alvo uma das comunidades mais ricas e privilegiadas da cidade. Antes que seja tarde demais.

«Karin Slaughter é uma das melhores autoras de thrillers da América.»

The Washington Post

«De fazer disparar o coração [...] Slaughter traz para esta série a mesma energia feroz e a mesma violência brutal de livros anteriores, com resultados de arrepiar. Trent e Mitchell, um par de heróis complexos e profundamente perturbados, vão deixar os fãs a exigirem já o próximo livro.»

Publishers Weekly



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER

livros que se devoram

ISBN 978-989-8626-84-4



9 789898 626844

Ficção/Policial